

**DESINVISIBILIZANDO PRÁTICAS A PARTIR DE RELATOS****REIS, Graça Regina Franco da Silva – CAP-UFRJ – francodasilvareis@gmail.com****GT-13: Educação Fundamental**

Apesar de você amanhã há de ser outro dia  
Chico Buarque

Uso a epígrafe acima para iniciar este trabalho, pensando no quanto a “qualidade” das escolas e de suas professoras têm sido postas em evidência de forma negativa e que apesar deste esforço generalizante de mostrar o feio, muitos trabalhos têm sido realizados acreditando que *amanhã há de ser outro dia*.

Assim, minha busca se faz no sentido de trazer o que há de único no trabalho das tantas professoras que compõem os espaços da Educação Fundamental, no entendimento de que mesmo com uma enorme propaganda contrária, há um *Apesar de você* que vale a pena ser desinvisibilizado e posto em evidência.

Os discursos hegemônicos sobre educação são, em grande parte, gerados pelas pesquisas que estão voltadas para objetivos e efeitos das políticas oficiais educativas, estando desta forma distantes das salas de aula e do que nelas acontece cotidianamente.

A escola tem sido a instituição responsável por preparar *para* a autonomia e *para* a cidadania, no sentido de um enquadramento dos modos de ser dos corpos e do pensar. Tem a missão de pensar o futuro, quando o mais apropriado seria, talvez, pensar na idéia do agora. Gosto imensamente da idéia do educar *na*, utilizando-me de uma expressão de José Pacheco<sup>1</sup>. Nesta concepção, o aluno é visto como um cidadão em processo de educação e exerce esta cidadania em situações que se apresentam no seu dia-a-dia de *alunocriança* que é.

Discutir o fato de que há uma vida cotidiana plena de saberes que não pode ser separada da escola, parece ser uma primeira resposta para tentar dar conta do que acontece dentro das muitas salas de aula. Ao levarmos em consideração esta cotidianidade repleta de aprenderes, precisamos questionar o ideal dominante que vem sendo sustentado pela organização e categorização vertical dos saberes. Dessa forma podemos perceber processos de aprendizagem que criam preconceitos e dão valor a determinadas culturas em detrimento de outras. Garcia (2007) explicita bem este discurso ao dizer:

---

<sup>1</sup> Diretor da Escola da Ponte, em Portugal.

Somos, contudo, guiados pelos modos de ver e conceber as práticas que reduzem olhos, ouvidos e paladar aos invólucros do que se apresenta. No rastro do cientificismo moderno seguido pelas ciências sociais, resignamo-nos e neutralizamos a prática de conhecer satisfazendo-nos e crendo em rótulos, embalagens que se criam por nós ou por outros para, pretensamente, explicar o viver humano ordinário. (p. 131)

A marginalização de conhecimentos produzidos, mas não reconhecidos tem fortalecido a relação de exclusão dentro das escolas. Para tentar dar conta e possibilitar uma mudança nesta realidade, reconheço professoras que têm buscado realizar, individual e coletivamente, trabalhos que visam trazer o reconhecimento das diferentes culturas que se cruzam por todo lugar, não apenas por meio dos currículos, mas do reconhecimento das diferenças sem hierarquização de culturas e histórias de vida.

Práticas vividas em diferentes salas de aula que trazem possibilidades de pensarmos o outro e as relações de alteridade.

### **Histórias de professoras**

As histórias e relatos trazidos por professoras, que eu aprendi com Certeau (1994) a chamar de praticantes, têm surgido como uma busca de alternativas para a produção de outro conhecimento sobre professoras e suas práticas.

E como pensarmos nestas práticas a não ser pela fala de suas praticantes? É preciso ouvir o que elas têm a dizer. Seria esta uma maneira de burlar o que está instituído, aproximando-nos do que acontece cotidianamente das muitas salas de aula. Oliveira (2003, p.80) diz que o *trabalho sobre as memórias surge como um potente elemento de compreensão dos processos de formação e de manifestação das identidades docentes, condicionantes das possibilidades de ação.*

O objetivo é entender o que sujeitos praticantes “aprenderam” nas inúmeras experiências que tiveram ao longo da vida, o que levou cada uma à escolha desta profissão, de que forma se relacionam com o mundo e com as práticas escolares. Perceber o quanto das muitas ações cotidianas não são planejadas, mas expressam as marcas daquilo que aprenderam no mundo: gestos, modos de vestir, formas de falar e as muitas respostas que têm e que nem sabem saber *“aprendemos o ofício” nas inúmeras “aulas” assistidas e compartilhadas durante toda a trajetória que nos levou a “escolher a profissão”, em múltiplos contextos cotidianos* (ALVES, 2000, p.10).

E é isto o que me interessa neste momento da pesquisa, ouvir professoras, desinvisibilizando o campo da prática, buscando olhar a educação a partir das escolas reais (OLIVEIRA, op. cit.).

É dando um *mergulho no real* (ALVES, 2001) tentando *beber em todas as fontes* (ALVES id,Ib) que passo a narrar trechos do meu encontro com Carol<sup>2</sup>, professora do Ensino Fundamental de uma escola particular do bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. Este é o seu relato.<sup>3</sup>

Quando comecei a trabalhar como professora, comecei a trazer à tona algumas lembranças de quando fui aluna. Lembro-me do meu primeiro colégio, era um colégio montessoriano, tudo ficou inesquecível: os joguinhos de madeira, as esteiras, as almofadas, os cheiros....Toda vez que trabalho com argila, lembro-me de um tanque cheio onde eu entrava descalça e pegava a quantidade que queria daquela massa, depois era só usar a imaginação e tudo era valorizado.

Carol nos diz que sua formação está vinculada ao que viveu em sua escolaridade. Busco mais uma vez a ajuda da professora Nilda Alves (2000) quando ela diz que no *caso dos sujeitos que exercem a profissão docente, como provavelmente para todos, ao compor a sua história o/a professor/professora tem a necessidade de tecer um passado com o qual possa conviver* (p. 13). Carol continua:

Uma vez li em algum lugar algo que sempre levo comigo, fala mais ou menos assim; "***A educação é uma coisa admirável. Mas é sempre bom lembrar, de tempos em tempos, que nada daquilo que realmente vale a pena saber pode ser ensinado***" de Oscar Wilde.

Então, depois de dezessete anos de formada, procuro ensinar o que realmente vale a pena, continuo brincando com os alunos, caprichando na forma de passar exercícios, na forma de escrever no quadro, na maneira carinhosa de falar com as crianças, acho que todo conteúdo programático deve ser lançado com muito estímulo, curiosidade, deve levar a criança a pensar, só assim, teremos o verdadeiro aprendizado.

Traz ainda outros indícios, ela fala sobre aprender coisas que valham a pena. Que coisas serão essas? De acordo com os currículos oficiais, a falta de determinados conhecimentos vem sendo entendida como inexistência de conhecimentos, dando um sentido negativo ao termo ignorância. Santos (2006) nos diz que *a característica distintiva do conhecimento hegemônico é poder impor a sua ignorância aos restantes conhecimentos* (p. 163). Será que estes outros conhecimentos estão presentes na prática de Carol? Serão estes que ela diz valerem a pena?

Aponta sua preocupação com o fazer igual quando diz:

Todas as escolas que eu procurava se diziam “construtivistas”, ou melhor, diziam isto porque estava na moda, acho eu. Em todas elas eu ficava chateada, indignada, pois se eram realmente construtivistas, por que me colocavam para fazer sempre a mesma coisa? Por que eu tinha que usar aquelas folhas de exercícios preparadas por alguém que nem conhecia a minha turma? Por que eu tinha que ser como a professora tal? Por que minha turma tinha que ter o mesmo aprendizado da outra? Tive grandes problemas, pois continuava fazendo o que eu acreditava.

<sup>2</sup> O nome real da professora foi trocado a fim de preservar sua identidade.

<sup>3</sup> A história aqui contada manteve a sua ortografia original.

Percebo aí, indícios de que Carol olha seus alunos, percebendo neles possibilidades únicas. Serão olhos de ver o outro tal como ele se apresenta, respeitando suas possibilidades e modos de ser? Está aí posta mais uma indagação. Ainda nos diz:

Sou uma professora que procura ver o potencial de cada um, respeito e valorizo a individualidade e o trabalho em grupo. Gosto da possibilidade de mudar algo previamente planejado, gosto de desafios e acho que é isso que nos faz aprender e aprender cada vez mais. Depois de tantos desafios, tantos trabalhos, tantas vivências, continuo acreditando na verdadeira função do professor, a de fazer crianças cada vez mais felizes e estimuladas para a vida. É realmente o que acredito, em crianças FELIZES!

Percebo também em sua narrativa um dado referente à escola que somente os sujeitos envolvidos nela podem perceber: neste espaço, circulam afetos, segredos, emoções, calor humano e discórdias e que estes sentimentos, cheiros característicos e lembranças, fazem parte dos processos ensino-aprendizagem de alunos-alunas e professoras de uma forma significativa, muito mais do que os conteúdos formais, porque dizem respeito à solidariedade, cumplicidade, mudanças de vida, de coisas positivas, ou não. Estas marcas da escola muito dificilmente serão removidas.

Quantas aprendizagens acontecem ao longo do processo proposto por Carol? Quanto cada um aprende ou recolhe para si da riqueza cotidiana de uma sala de aula como a dela? Não há como medir estas aprendizagens. “Avaliar comportamento humano, por mais e melhores instrumentos que possamos utilizar, nem sempre é possível nem mensurável por meio de resultados imediatos e quantificáveis” (LEITE, 2002, p. 116).

Em Educação, e as professoras do Ensino Fundamental não fogem a esta marca, aprende-se que é importante o que pode ser medido, quantificado, controlado. Para isso, o diferente precisa ser “enquadrado” nos moldes já conhecidos e tidos como certo. Para além disso, existe o que Oliveira (2000) denominou “rebeldia do cotidiano”, aquilo-aqueles que não se deixam dominar por normas e regulamentos formais. Aí encontram-se as possibilidades, as táticas dos praticantes (1994). Para compreendê-las, é necessário “desaprender” muitos saberes herdados-aprendidos a partir das teorias sociais da modernidade. (SANTOS, 2000). Desta forma o currículo escolar tem a possibilidade de se transformar em um texto que pode vir a nos contar muitas histórias: de indivíduos, grupos, sociedades, culturas e tradições.

Assim como Carol, há muitos outros sujeitos no Ensino Fundamental praticando educação de outra forma, possibilitando que saberes para além daqueles prescritos, formais e organizados, sejam desinvisibilizados, proporcionando uma passagem pela

escola mais próxima da vida real. Assim, reafirmo que *Apesar de você, amanhã há de ser outro dia*.

### Referências bibliográficas

- ALVES, Nilda. Os romances das aulas. IN: *Revista Movimento – Profissão docente: teoria e prática*. Niterói: Faculdade de Educação/ UFF, n. 2, p: 07-32, set. 2000.
- \_\_\_\_\_. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs) *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. IN: *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, v.28, n.98, p: 73- 95, jan/abril.. 2007.
- GARCIA, Alexandra. Em busca das escolas na escola: por uma epistemologia das balas sem papel. IN: *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, v.28, n.98, p:129- 147, jan/abril. 2007.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Alternativas curriculares e cotidiano escolar. In: CANDAU, V.M. (org.) *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000:65-78.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos Praticados – entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Gramática do tempo: para um nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.